

San Francesco di Sales. A amizade (2/8)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

A AMIZADE EM SÃO FRANCISCO DE SALES (2/8)

Depois de ter encontrado Francisco de Sales através da história da sua vida, olhamos a beleza do seu coração e apresentamos algumas virtudes com o objetivo de despertar em muitos o desejo de aprofundar a rica personalidade deste santo.

A primeira fotografia, aquela que imediatamente fascina aqueles que se aproximam de Francisco de Sales, é a amizade! É o cartão de visita com o qual ele se apresenta.

Há um episódio de Francisco aos vinte anos que poucas pessoas conhecem: após dez anos de estudos em Paris, tinha chegado o momento de voltar para a Savoia, para casa, para Annecy. Quatro de seus companheiros o acompanham até Lyon e se despedem dele em lágrimas.

Este fato ajuda-nos a entender e saborear o que Francisco escreveu no final de sua vida, dando-nos uma rara fotografia de seu coração:

“Penso que não há almas no mundo que amem mais cordialmente e com mais ternura e, para dizer de forma muito suave, mais amorosamente do que eu, porque agradou a Deus fazer assim o meu coração. E mesmo assim eu amo almas independentes e vigorosas, porque muita ternura perturba o coração, torna-o inquieto e o distrai da meditação amorosa sobre Deus. O que não é Deus não é nada para nós”.

E fala a uma senhora da sua sede de amizade:

“Devo dizer-vos em confidência estas poucas palavras: não há homem no mundo cujo coração seja mais terno e sedento de amizade do que o meu, ou que sinta as separações mais dolorosamente do que eu”.



Antoine FAVRE – Retrato, coleção privada

Fonte: Wikipedia

Das centenas de destinatários de suas cartas, escolhi três, escrevendo aos quais Francisco destaca as características da amizade salesiana, como ele a viveu e nos propõe hoje.

O primeiro grande amigo que encontramos é seu conterrâneo **Antoine Favre**. Francisco, um brilhante graduado em direito, tem um grande desejo de conhecer e ganhar a estima deste luminar.

Em uma de suas primeiras cartas encontramos uma expressão, que soa como uma espécie de juramento:

“Este dom (a amizade), tão apreciável até mesmo por sua raridade, é verdadeiramente inestimável e ainda mais caro para mim, pois jamais poderia ter-me tocado por meus próprios méritos. Viverá sempre em meu peito o desejo ardente de cultivar diligentemente todas as amizades”!

A primeira característica da amizade é a comunicação, dar notícias, partilhar estados de espírito.

No início de dezembro de 1593, nasceu a última irmãzinha de Francesco, Joana, e ele dá prontamente notícia ao amigo:

“Soube que minha querida mãe, que está no seu quadragésimo segundo ano, em breve dará à luz ao seu décimo terceiro filho. Eu corro para ela, sabendo que ela se alegra muitíssimo com a minha presença”.

Estamos a apenas há alguns dias da sua ordenação sacerdotal e Francisco confia ao amigo:

“Sois o único homem que eu estimo capaz de compreender

plenamente o tumulto do meu espírito; de fato, é tremendo presidir a celebração da Missa e é muito difícil celebrá-la com a devida dignidade”.

Nem um ano após sua ordenação, encontramos Francisco “missionário” no Chablais: ele comunica seu cansaço e amargura ao amigo:

“Hoje começo a pregar o Advento a quatro ou cinco pessoas humildes: todos os outros ignoram maliciosamente o que significa o Advento”.

Alguns meses depois, dá-lhe alegremente a notícia de seus primeiros sucessos apostólicos:

“Finalmente as primeiras espigas de milho estão começando a ficar douradas!”

Outro grande amigo de Francisco foi **Juvenal Ancina**: os dois se encontram em Roma (1599); ambos seriam consagrados bispos alguns anos mais tarde. Francisco escreveu várias cartas para ele; nesta ele implora ao amigo, bispo de Saluzzo, que o mantenha “intimamente unido a ele em seu coração e também se digne a dar-me com frequência os avisos e lembretes que o Espírito Santo vai lhe inspirar”.

Entre os amigos que ele conheceu em Paris, destaca-se aquela com o famoso P. Peter de Bérulle, que ele conheceu no clube da Madame Acarie. A ele Francisco escreveu alguns dias após sua consagração episcopal:

“Sou bispo consagrado desde o dia 8 deste mês, o dia de Nossa Senhora”. Isto me leva a implorar-lhe que me ajude ainda mais cordialmente com suas orações. Não há remédio: precisaremos sempre lavar nossos pés, pois caminhamos na poeira. Que nosso bom Deus nos conceda a graça de viver e morrer no seu serviço”.

Outro grande amigo de Francisco foi **Vicente de Paulo**. Nasceu entre eles uma amizade que continuou além da morte do fundador da Visitação, quando Vicente levou assumiu a Ordem e tornou-se seu ponto de referência até o final de seus dias (1660).

Vicente permaneceu sempre grato ao santo bispo de quem havia recebido salutarens reprovações sobre seu caráter impetuoso e suscetível. Fez disso tesouro e aos poucos foi-se corrigindo e, pensando em seu amigo, não hesitou em descrevê-lo como “a pessoa que mais do que qualquer outra tinha representado a imagem viva do Salvador”.

Lendo estas cartas descobrimos algumas das qualidades que devem reger uma verdadeira amizade: comunicação, oração e serviço (perdão, correção...).

Encontramos agora muitos homens e mulheres a quem Francisco dirige cartas de amizade espiritual. Alguns exemplos:

À Senhora de la Fléchère ele escreve:

“Tende paciência com todos, mas principalmente convosco mesma. Quero dizer que não deveis aborrecer-vos com vossas imperfeições e ter sempre a coragem de recuperar-vos prontamente”.



São Vicente de Paulo – Fundador da Congregação da Missão (Lazaristas)

Retrato, Simon François de Tours; Fonte: Wikipedia

À Senhora de Charmoisy ele escreve:

“Deveis ter o cuidado de começar suavemente, e, de vez em quando, olhai o vosso coração para ver se ele se manteve doce. Se não se manteve assim, amolecei-o antes de fazer qualquer coisa”.

Estas cartas são um **tratado de amizade**, não porque falam de amizade, mas porque quem escreve vive uma relação de amizade, sabendo criar um clima e um estilo para que isso seja percebido e dê frutos de vida boa.

O mesmo se aplica à correspondência com **as suas filhas, as Visitandinas**.

À Madre Favre, que sente o peso de seu cargo, ele escreve:

“Deveis armar-vos de coragem e humildade e rejeitar todas as tentações de desânimo na santa confiança que temos em Deus. Como este cargo vos foi imposto pela vontade daqueles a quem deveis obedecer, Deus se colocará à vossa direita e o carregará convosco, ou melhor, Ele o carregará, mas vós também o carregareis”.

À Madre de Brécharde escreve:

“Quem sabe preservar a doçura em meio a tristezas e enfermidades e a paz em meio à desordem das suas muitas ocupações é quase perfeito. Esta constância de humor, esta doçura e suavidade de coração é mais rara do que a castidade perfeita, mas é ainda mais desejável. Desta, como do óleo da lâmpada depende a chama do bom exemplo, pois não há outra coisa que construa tanto como a bondade caridosa”.



Santa Jeanne François FRÉMIOT DE CHANTAL, co-fundadora da Ordem da Visitação de Santa Maria

Autor desconhecido, Monastério da Visitação de Maria em Toledo, Ohio (EUA); Fonte: Wikipedia

Entre as várias Madres fundadoras, um lugar especial pertence à Fundadora, **Joana de Chantal**, a quem Francisco escreve desde o início:

“Acredito firmemente que tenho uma vontade viva e extraordinária de servir ao vosso espírito com toda a capacidade das minhas forças. Servi-vos do meu afeto e usai de tudo o que Deus me deu para o serviço do vosso espírito. Eis-me aqui todo vosso”.

E o declara a Joana:

“Amo este amor. É forte, amplo, sem medida nem reserva, mas doce, forte, puríssimo e tranquilíssimo; numa palavra, é um amor que só vive em Deus. Deus, que vê todas as dobras do meu coração, sabe que não há nada nele que não seja para Ele e, segundo Ele, sem o qual eu não quero ser nada para ninguém”.

Este Deus que Francisco e Joana pretendem servir está sempre presente, é a garantia, para que este amor permaneça sempre uma consagração somente a Ele:

“Gostaria de poder expressar-vos o sentimento que tive hoje de nossa querida unidade ao comungar, porque foi um sentimento grande, perfeito, doce, poderoso, e tal que quase poderia ser chamado de um voto, uma consagração”.

“Quem poderia ter fundido dois espíritos tão perfeitamente que não eram mais do que um espírito indivisível e inseparável, se não Aquele que é unidade por essência? [...]. Mil e mil vezes por dia meu coração está perto de vós com mil e mil bons votos que ele apresenta a Deus para a vossa consolação”.

“A unidade sagrada que Deus fez é mais forte que todas as separações, e a distância dos lugares não pode prejudicá-la minimamente. Que Deus nos abençoe sempre com seu santo amor. Ele nos fez um só coração no espírito e na vida”.

Termino com um augúrio, aquele que Francisco escreveu a uma das primeiras Visitandinas, Jacqueline Favre:

“Como está o pobre coração tão amado? É sempre corajoso e vigilante para evitar as surpresas da tristeza? Por favor, não o atormente, nem mesmo quando ele vos pregou alguma partida desagradável, mas levai-o de volta e conduzi-o docemente pelo seu caminho. Este coração se tornará um grande coração, feito segundo coração de Deus.

[\(continua\)](#)
